

Percepção Dos Alunos Do 9º Ano De Uma Escola Da Rede Municipal De Santana Do Ipanema – AL Sobre o Ambiente Escolar.

Elaine Paula Gonçalves Alencar (*Discente da UNEAL – Campus II*)
Marcelli Carine Gomes da Silva (*Discente da UNEAL – Campus II*)
Elian Sandra Alves de Araújo (*Docente da UNEAL – Campus II*)
Wellyngton Chaves Monteiro da Silva (*Docente da UNEAL – Campus II*)

5 – Meio Ambiente

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ambiente escolar. Percepção.

Introdução

A Educação Ambiental - EA ganhou expressiva ênfase nos últimos anos. Esta inicialmente tinha parâmetros aproximados aos da ecologia biológica, sem demonstrar preocupação com os problemas sociais e políticos que provocam inúmeros desequilíbrios ambientais.

A trajetória da EA, ao longo das três últimas décadas, permitiu que os especialistas evidenciassem que o meio ambiente não é composto apenas de aspectos físicos e naturais, mas também de relações humanas, em todos os seus aspectos. Desta forma, foram tornando a sua abordagem cada vez menos ecológica e mais abrangente, ou seja, holística.

A percepção de que existe uma conexão entre a crise ambiental (ou melhor, crise civilizatória) e a história da civilização humana, deu notoriedade ao caráter social, político e econômico dos problemas ambientais atuais. E a partir desta percepção, foram realizados encontros ambientais mundiais e nacionais que culminaram em documentos com conceitos, objetivos e perspectivas para o programa da EA em grande parte dos países, inclusive no Brasil.

Percebe-se, já há um tempo, que a raiz do dilema ambiental está na forma comum de se aprender a pensar o mundo: dividindo-o em pedaços. Pois o saber ambiental, como a maioria dos saberes, ainda enfrenta o fracionamento do conhecimento derivado da racionalidade mundial e científica dominante (DIAS, 2004; LEFF, 2010).

A evolução da EA no país, em paralelo com a evolução do conceito de meio ambiente, resultou na formalização da transversalidade para o currículo escolar, tendo como subsídio os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (REIGOTA, 2009).

Além da noção de transversalidade, o caráter político que a EA deve assumir é bastante importante. Quando ela é definida como educação política, está se afirmando que o que deve ser considerado prioritariamente na EA é a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e a participação livre, consciente e democrática de todos nas decisões acerca do tema (REIGOTA, 2009).

Embora seja considerado um tema transversal, ainda é muito comum uma abordagem reducionista, “romântica” e ecológica da EA nas escolas. Ela é trabalhada frequentemente apenas pelos professores de Ciências, com base nos livros didáticos, os quais, em sua maioria, ainda confundem-na com Ecologia (DIAS, 2004).

Esta conduta mascara os verdadeiros aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos que deveriam ser abordados, ficando evidente o reducionismo que impede que os alunos tenham uma postura crítica sobre a crise civilizatória. Desta forma, a EA deixa de apresentar o seu caráter emancipatório.

Para um trabalho de EA eficaz, investimentos em estudos de percepção ambiental são essenciais, pois através destes é possível analisar os conhecimentos prévios dos educandos e a forma como possivelmente vem sendo desenvolvido o trabalho com a EA nas mais diversas instituições.

Esta percepção pode ser definida pelas formas como os indivíduos vêem, compreendem e se comunicam com o ambiente, considerando-se as influências ideológicas de cada sociedade (ROSA, 2002 apud MALAFAIA; RODRIGUES, 2009, p.1).

É muito comum, ainda, a execução de pesquisas e de publicações que tratam de percepção ambiental utilizando uma abordagem “ecológica”. Ou seja, questiona-se a amostra escolhida (sejam crianças ou adultos) apenas sobre as condutas relacionadas ao uso da água, do solo, problemas atmosféricos e outros, sem considerarem os aspectos sociais, econômicos e políticos do ambiente.

Nesta pesquisa, decidiu-se tomar o ambiente escolar como início para estudos da percepção com base nas recomendações dos PCNs, no momento em que trata das esferas locais e globais. Segundo o documento, não importa a dimensão do espaço, e sim a percepção de que tudo é parte do ambiente e todas as esferas estão interligadas, de modo que, uma ação local irá refletir o seu efeito globalmente (BRASIL, 1997).

Este trabalho objetivou verificar a percepção dos alunos de 9º ano sobre o ambiente escolar, em relação aos aspectos físicos, sociais, políticos e culturais a partir do seguinte questionamento: “Os alunos do ensino fundamental da escola percebem o espaço escolar como parte do meio ambiente?”

Procedimentos metodológicos

O trabalho é uma pesquisa descritiva (MARTINS JUNIOR, 2008), realizada numa escola da rede municipal de ensino de Santana do Ipanema, localizada no sertão de Alagoas.

Foi escolhida como amostra a turma de 9º ano do turno vespertino, composta por 26 alunos. O critério utilizado para a escolha desta turma foi a faixa etária regular que estes alunos tinham para esta etapa de ensino e por estarem na fase final do Ensino Fundamental.

Para coleta dos dados, elaborou-se um questionário semi-estruturado contendo dez perguntas que foi respondido após a autorização dos pais. As questões foram respondidas sem nenhuma intervenção, apenas com a supervisão das autoras do trabalho. Para análise quantitativa dos dados contou-se com o auxílio do programa Microsoft Office Excel 2007.

Resultados e discussão

A amostra investigada neste trabalho totalizou 26 alunos, com faixa etária entre 12 e 18 anos, todos devidamente matriculados no 9º ano do turno vespertino da escola em estudo.

No primeiro momento, os alunos foram questionados quanto às suas percepções de meio ambiente. Foi observado que 38,46% (10) dos discentes investigados apresentaram uma concepção enquadrada na categoria “abrangente”, que define o meio ambiente de uma forma mais ampla e complexa, enquanto o percentual encontrado para a categoria “reducionista”, a qual refere-se estritamente aos aspectos físicos naturais do ambiente, foi de 30,76%.

Para Silva et al. (2002) a influência do livro didático, dos quais a maioria está impregnada de noções meramente ecológicas, e a mídia afastam os indivíduos do seu meio ambiente imediato, levando-os a não compreender o espaço no qual estão inseridos enquanto meio ambiente, que pode explicar o considerável percentual de alunos com as concepções “reducionista”, “romântica” e “utilitarista” do meio ambiente, que juntas somam 53,75%. A visão “socioambiental” e “abrangente” consideram, implicitamente em suas definições, o meio ambiente imediato e construído pelo homem como parte do todo.

O resultado encontrado nesta pesquisa corrobora aquele obtido por Malafaia e Rodrigues (2009), os quais relataram um percentual de 81,8% para a categoria “reducionista” e 9,2% para a categoria “abrangente”, embora com expressivas variações nos percentuais. Em ambas

as pesquisas, a maioria dos alunos não insere o ser humano e as modificações que ele faz no ambiente, como parte dele.

Guerra, Silva e Sousa (2003) obtiveram em sua pesquisa de percepção ambiental com alunos de ensino fundamental de João Pessoa, um resultado de 37% para a visão de meio ambiente como natureza (enquadrada neste estudo como visão “reducionista”) e 17,8% para a visão do meio como biosfera (enquadrada como visão “abrangente”). Na mesma pesquisa, os componentes “rios, lagos e mares” foram marcados como componentes do meio ambiente, numa frequência de 97,3%, enquanto os componentes “construções, prédios e fábricas”, numa frequência de apenas 9,4%. Ou seja, tais alunos não compreendiam os elementos antrópicos como parte do meio ambiente.

No presente estudo, percebeu-se que a concepção de meio ambiente dos alunos investigados é variada entre as categorias, o que segundo Malafaia e Rodrigues (2009) é muito importante, pois afirmam que a diversidade de percepções pode apresentar um aspecto positivo no sentido de promover um debate em sala de aula, pois se constitui um grupo mais flexível em relação às suas opiniões. Esta pesquisa condiz com a opinião de Macedo (2000 apud NORONHA, 2006) quando salienta que através da percepção ambiental, pode-se atribuir valores e importâncias diferenciadas ao meio ambiente.

Baseado nos estudos Oliveira (2006), que afirma que cada indivíduo tem sua interpretação de espaço, de acordo com a realidade em que vive, procurou-se relacionar o local de moradia do aluno e sua respectiva concepção de meio ambiente (zona rural ou urbana). Sendo que do total de participantes, 69,23 % (18) habitam na zona rural e 30,76% (8) na zona urbana.

De um modo geral, o que se verificou foi a real existência desta correlação entre o local de moradia e a concepção de meio ambiente. Observou-se que 75% (6) dos alunos que marcaram a alternativa “reducionista”, categoria que representa uma concepção do meio ambiente aos seus aspectos físicos naturais, moram na zona rural.

A mesma relação ocorreu com a visão “utilitarista”, que interpreta a natureza como fornecedora de vida ao homem e associa a mesma como fonte de recursos para sua sobrevivência, onde os 100% (2) dos alunos que escolheram esta alternativa residem também em zona rural, de igual modo no tocante à categoria “romântica”, que elabora uma visão da mãe natureza, três dos quatro alunos que assinalaram esta opção são residentes da zona rural.

Quanto à concepção “socioambiental”, na qual o homem e a paisagem construída são considerados como elementos da natureza, 100% (2) dos alunos que optaram por esta alternativa, moram na zona urbana.

A maioria dos alunos, 70% (7) que apresentaram a concepção abrangente, considerando o meio ambiente como resultado de interação entre fatores biológicos, físicos, econômicos e culturais, moram na zona rural. Estes dados divergem do que indica o trabalho de Pacheco e Silva (2003), que ao considerarem apenas a variável local de moradia, defendem que o mais coerente seria que maior parte dos que escolheram esta categoria habitassem na zona urbana.

Frente a isto, é provável que não apenas o local de moradia, mas diversos outros fatores como a abordagem “ambiental” que é feita na escola e em casa, contribui para a construção da concepção de meio ambiente pelo aluno.

Apesar da maioria dos alunos (53,9%) não considerarem que as construções antrópicas e os seres humanos fazem parte do meio ambiente (concepções implícitas nas categorias “reducionista”, “romântica” e “utilitarista”), quando questionados sobre a inclusão da escola como parte do meio ambiente, 92,30% (24) dos alunos foram categóricos ao afirmar que “sim”, a escola faz parte do meio ambiente.

As divergências entre as respostas dadas as questões podem estar no fato de que os alunos não conseguiram expressar o verdadeiro conceito de meio ambiente concebido por eles, no momento da escolha da figura que melhor representava sua ideia. Ou seja, o imediatismo na escolha da ilustração pode ter sido o fator primordial para gerar tal discrepância.

O fato dos alunos perceberem a escola como parte do meio ambiente pode estar relacionado à maneira de abordagem de questões como: limpeza, economia de água, etc. neste ambiente. Desta forma, o cuidado dos professores e outros funcionários com estes aspectos provavelmente contribuiu diretamente na conexão que os alunos demonstraram.

É interessante informar também que o único aluno (3,8%) que excluiu a escola como parte do meio ambiente demonstrou ter uma visão “romântica” do mesmo.

Este resultado diverge do que foi encontrado por Bergmann e Pedrozzo (2007), as quais investigaram sobre as percepções de meio ambiente de estudantes e professores de duas escolas públicas do município de Giruá – RS. Estas relataram que poucos dos participantes se referiram à escola como parte do meio ambiente.

Ainda a respeito do aspecto social do ambiente escolar, os alunos também foram questionados sobre a interação entre a comunidade e a escola. Nenhum aluno avaliou que não ocorre a interação entre a escola e a comunidade. Entretanto, 53,84% (14) dos alunos avaliaram que esta interação é freqüente, enquanto 46,15% (12) afirmaram que a escola tem apenas contatos esporádicos com outros setores da sociedade, como igreja, agentes de saúde e outros.

Reigota (2009) desta que a metodologia a ser desenvolvida no ambiente escolar pressupõe que o processo pedagógico seja aberto, democrático e dialógico entre todos os segmentos da comunidade escolar, família e com a sociedade em geral.

Pode-se concluir que estes alunos, em sua maior parte, percebem a inserção da escola no meio ambiente e também a relação entre a escola e a sociedade. Significando, assim, a percepção da relação do tripé Sociedade - Meio ambiente - Educação.

A existência da relação entre estes três eixos implica que não se pode tratar de nenhum desses eixos de modo desvinculado um do outro. Pois se entende que o meio ambiente é condicionado pelas relações sociais e políticas nele existentes, estas dependentes do caráter educativo que cada sociedade adota como sendo mais adequado, de modo a promover mudanças de comportamento pessoal e a atitudes e valores de cidadania que podem ter importantes consequências sociais e ambientais. (LEAL; CARDOSO, 2011; REIGOTA, 2009).

Ainda no aspecto sobre a preservação da estrutura física escolar, usando uma situação hipotética de pichação do muro da escola por terceiros, o percentual de alunos conscientes de sua responsabilidade sobre o patrimônio estrutural da escola, aumentou em 30,78% quando relacionado com a questão anterior, totalizando 88,46% (23) de indivíduos que indicaram a possível comunicação aos responsáveis pela instituição se presenciassem tal situação.

Com relação à situação de pichação proposta nesta questão, pode-se citar Fernandes et al. (2004) quando acreditam que cada indivíduo reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive. Deste modo, não se pode padronizar uma mesma reação para indivíduos que vivenciam diferentes realidades.

Na pesquisa realizada por Guerra, Silva e Sousa (2003), 87,9% dos alunos afirmaram se incomodar com problemas presentes no ambiente que os cercam e 95,4% deles disseram que fariam algo para melhorar ou conservar o ambiente do seu bairro. Ainda segundo os autores, a EA, para ser efetiva, não deve ser apresentada de forma verticalizada, do tipo educador-educando, mas sim, construída de modo reflexivo.

Conclusões

A dificuldade em expandir a concepção de meio ambiente aos seus aspectos sociais, econômicos e políticos significa um grave problema educacional, limitando o aluno apenas aos aspectos naturais do ambiente. A ausência de uma concepção ampla do aluno sobre o meio ambiente ocasiona uma deficiência em sua formação como cidadão, pois o mesmo não consegue enxergar as reais causas da crise civilizatória, bem como os problemas socioeconômicos e ambientais advindos dela. A referente pesquisa demonstrou que a maioria dos alunos participantes não tem uma visão holística sobre o meio ambiente. Frente a isso,

torna-se indispensável uma mobilização para executar programas e pesquisas de Educação Ambiental nas escolas com o caráter transdisciplinar proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais envolvendo a colaboração de todos os segmentos do processo educacional: alunos, professores, direção, funcionários em geral e a comunidade na qual a instituição está inserida, rompendo a barreira conteudista e trazendo a prática e o conhecimento popular para a realidade escolar.

Referências

- BERGMANN, M.; PEDROZO, C. da S. Percepção ambiental de estudantes e professores do município de Giruá – RS. *Revista Eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental*. Rio Grande. v. 19, p. 139 – 156. 2007. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/vol19/art12n2a13.pdf>> Acesso em 12 set. 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente. Brasília, DF, 1997.
- DIAS, G. F. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. 9. ed. São Paulo: Gaia, 551 p., 2004.
- FERNANDES, Roosevelt S.; SOUZA, Valdir José de; PELISSARI, Vinícius Braga; FERNANDES, Sabrina T. *Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental*. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf> Acesso em 29 jun. 2011.
- GUERRA, R. A. T.; SILVA, C. H. T; SOUSA, G. U. S. A percepção ambiental de estudantes de ensino fundamental de João Pessoa, Paraíba. In: II ENCONTRO TEMÁTICO: MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA UFPB, 2 ed., 2003. *Anais...* João Pessoa: UFPB. p. 1-5. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/anais/meae>>. Acesso em 12 ju 2011.
- LEAL, Guaraciara Barros; CARDOSO, Nilson de Souza. *Sociedade, Meio ambiente e Educação*. Curso Agente Ambiental – Fundação Demócrito Rocha. Fascículo IV. Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.fdr.com.br>>. Acesso em: 03 out. 2011.
- LEFF, Enrique. *Epistemologia Ambiental*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 239 p., 2010.
- MALAFAIA, Guilherme; RODRIGUES, Aline Sueli de Lima. Percepção ambiental de jovens e adultos de uma escola municipal de ensino fundamental. *Revista Brasileira de Biociências*, Porto Alegre, v.7, n.3.,p. 266-274, 2009. Disponível em:<<http://www6.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/vien/File/1178/872>>. Acesso em 09 jan. 2012.
- MARTINS JUNIOR, Joaquim. *Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos*. 2. ed. Petrópolis:Vozes, 222 p., 2008.
- NORONHA, Inês de Oliveira. *Resíduos Sólidos Urbanos: A Percepção e o Comportamento Sócioambiental da População do Bairro Fernão Dias em Belo Horizonte*, 113 p., 2005. Dissertação (Mestrado em Gestão e Auditoria Ambiental) – Senac, Belo Horizonte, 2005.
- OLIVEIRA, Maria Edilene Silva. *Agente Ambiental e Mobilização Social*. Curso Agente Ambiental – Fundação Demócrito Rocha. Fascículo II. Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.fdr.com.br>>. Acesso em: 25 set. 2011.
- PACHECO, Éser; SILVA, Hilton P. Compromissos epistemológicos do conceito de Educação Ambiental. *II Seminário Áreas Protegidas e Inclusão Social*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.ivt-rj.net/sapis/2006/pdf/EserPacheco.pdf>>. Acesso em 29 jun. 2011.
- REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 107 p., 2009.

SILVA, Monica Maria Pereira da; LEITE, Valderi Duarte; ROSA, Luciene Gonçalves; VIEIRA, Maria Madalena de Paiva; SOUZA, Joselma Maria Ferreira de; ANDRADE, Leonaldo Alves de. Percepção ambiental de educadores e educadoras do estado da Paraíba/Brasil. IN: XXVIII CONGRESSO INTERAMERICANO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL, 26 ed., 2002. *Anais...* Cancun: UEPB, p. 1-5. Disponível em: <<http://www.bvsde.paho.org/bvsaidis/mexico26/x-004.pdf>> Acesso em 12 jul. 2011.